



## IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

### Portugal, território de territórios

---

---

ÁREA TEMÁTICA: Trabalho, Organizações e Profissões [ST]

---

---

#### **JUVENTUDE E MUNDO DO TRABALHO: DIVERSIDADE DE PERFIS DE INGRESSO NA VIDA ATIVA**

---

---

DIOGO, Fernando; Doutorado em Ciências Sociais, especialidade de Sociologia do Desenvolvimento; Universidade dos Açores e CICS.NOVA.UAc e CICS.UAc; [fernando.ja.diogo@uac.pt](mailto:fernando.ja.diogo@uac.pt)

---

PALOS, Ana Cristina; Doutorada em Ciências da Educação, especialidade de Sociologia da Educação; Universidade dos Açores e CICS.NOVA.UAc e CICS.UAc; [ana.cp.palos@uac.pt](mailto:ana.cp.palos@uac.pt)

---

Silva, Osvaldo; Doutorado em Matemática na especialidade de Probabilidades e Estatística; Universidade dos Açores e CICS.NOVA.UAc e CICS.UAc; [osvaldo.dl.silva@uac.pt](mailto:osvaldo.dl.silva@uac.pt)

---



### Resumo

A transição dos jovens para o mundo do trabalho apresenta diversos desafios associados à complexificação dos percursos possíveis (Serracant, 2012). O desemprego, a precariedade no emprego e a insegurança são ameaças sempre presentes.

Contudo, muitos dos estudos existentes em Portugal são de natureza qualitativa ou resultam da exploração de estatísticas oficiais, algo que limita a generalização dos resultados, no primeiro caso, e o seu poder compreensivo da realidade, no segundo. Acresce que, desde a crise de 2008, o contexto económico, político e jurídico em que esta transição se faz tem vindo a mudar de forma significativa, o que obriga a uma atualização da investigação.

Existe, portanto, necessidade de estudos que inquiram e caracterizem os jovens em relação aos principais fatores que condicionam a transição escola-trabalho e que procurem definir as diferentes formas em que esta se processa. Partimos da hipótese que mesmo no atual contexto, marcado por forte desemprego e precariedade, as desigualdades de origem social se traduzem em desigualdades de oportunidades e estas em percursos marcadamente distintos entre diversos tipos de jovens.

Os dados empíricos desta comunicação enquadram-se no projeto juventude açoriana e mundo do trabalho e são estatisticamente representativos dos Açores. Os jovens inquiridos neste estudo (15 a 34 anos) caracterizam-se por já terem terminado o seu percurso escolar e foram alvo de um inquérito por questionário.

### Abstract

The transition of young people to the world of work presents many challenges associated with the complexity of the possible paths (Serracant, 2012). Unemployment, precarious employment and insecurity are ever-present threats.

However, many of the existing studies in Portugal are qualitative in nature or result from the exploration of official statistics, which limits the generalizability of the conclusions, in the first case and its comprehensive power of reality, in the second. Moreover, since the 2008 crisis, the economic, political and legal context in which this transition is made has been changing significantly, which requires an update of the research.

There is therefore need of studies that further inquiry and characterize young people in relation to the main factors that affect the school-work transition and that seek to define the different ways in which this takes place. We hypothesized that even in the current context, marked by high unemployment and precariousness, inequalities of social origin translate into inequality of opportunities and these inequalities in markedly different paths between various types of youth.

The empirical data in this paper is about the project “Azorean youth and the world of work” and are statistically representative of the Azores Islands. The young respondents in this study (15-34 years) are characterized by having already finished their schooling and were subjected to a questionnaire.

Palavras-chave: Juventude; transição escola-trabalho; perfis; ACM; Análise de Regressão

Keywords: Youth; School to Work Transition; Profiles; ACM; Regression Analysis

[COM0381]



## **Introdução**

Uma dimensão central da transição dos jovens para a idade adulta é a transição escola-trabalho. Se a juventude pode ser problematizada a partir da contradição entre maturidade (em primeiro lugar biológica mas também cognitiva) e dependência dos pais<sup>1</sup>, a entrada no mundo do trabalho parece ser um dos determinantes que resolve essa contradição e, dessa forma, leva os jovens a considerarem que se dá o ingresso na idade adulta, sobretudo se associado à constituição de uma família de procriação (Guerreiro e Abrantes, 2007: 8-10).

A transição dos jovens para o mundo do trabalho apresenta diversos desafios associados à complexificação dos percursos possíveis (Serracant, 2012). O desemprego, a precariedade no emprego e a insegurança são ameaças sempre presentes. As dificuldades que esperam os jovens no ingresso no mercado de trabalho são, em boa parte, conhecidas.

Contudo, muitos dos estudos existentes em Portugal são de natureza qualitativa ou resultam da exploração de estatísticas oficiais (ver, por exemplo, Guerreiro e Abrantes, 2007; Alves *et al.*, 2011; Oliveira *et al.*, 2011 e 2013; Kóvacs, 2013; Lobo, Ferreira, & Rowland, 2015), algo que limita a generalização dos resultados, no primeiro caso, e o seu poder compreensivo da realidade, no segundo. Acresce que, desde a crise de 2008, o contexto económico, político e jurídico em que esta transição se faz tem vindo a mudar de forma significativa, o que obriga a uma atualização da investigação.

Existe, portanto, necessidade de estudos que inquiram e caracterizem os jovens em relação aos principais fatores que condicionam a transição escola-trabalho e que procurem definir as diferentes formas em que esta se processa. Partimos da hipótese que mesmo no atual contexto, marcado por forte desemprego e precariedade, as desigualdades de origem social se traduzem em desigualdades de oportunidades e estas em percursos marcadamente distintos entre diversos tipos de jovens.

Nesta comunicação, utilizam-se os perfis de saída da escola apresentados num outro texto (Diogo, Palos & Silva, 2016) como ponto de partida. Estes perfis foram obtidos através da Análise das Correspondências Múltiplas (ACM) e aperfeiçoados com a análise de *clusters*.

Centramo-nos no papel destes perfis de saída da escola num momento fundador da transição escola-trabalho: a primeira experiência de trabalho. Concretamente, são analisados os impactos destes perfis em duas variáveis importantes para o acesso à primeira experiência de trabalho: a idade nesse momento e os recursos sociais mobilizados para se conseguir essa primeira experiência de trabalho. Desta forma, relacionam-se as diferentes formas de sair da escola com o ingresso na primeira experiência de trabalho, tentando-se perceber de que forma é que as primeiras afetam o segundo em duas variáveis-chave.

Os dados empíricos desta comunicação enquadram-se no projeto *juventude açoriana e mundo do trabalho* e são estatisticamente representativos dos Açores. Os jovens inquiridos neste estudo (15 a 34 anos) caracterizam-se por já terem terminado o seu percurso escolar e foram alvo de um inquérito por questionário.

Os Açores constituem um importante laboratório sobre os desafios e as transformações que perpassam a juventude portuguesa, na medida em que é a mais jovem região do país com uma taxa de desemprego juvenil muito elevada e um abandono escolar precoce alto (no contexto da União Europeia). Estas particularidades são discutidas em pormenor num outro texto (Diogo, Palos & Silva, 2016).

## **Questões metodológicas**

Os dados são relativos a 412 jovens açorianos que não se encontram a estudar (entre os 15 e os 34 anos) e à sua relação com o ingresso no primeiro emprego, no âmbito de um projeto de investigação desenvolvido no âmbito do Observatório da Juventude dos Açores (como referido: *Juventude Açoriana e Mundo do Trabalho*), financiado pelo Governo Regional.

Numa fase inicial foram avaliadas as associações entre as variáveis dependentes com todas as variáveis que compõem os perfis de saída da escola, às quais se acrescentou mais cinco que são indicadores grosseiros (*proxy*) da posição e origem social dos jovens (habilitações dos pais, ocupações dos pais e rendimento mensal do próprio).

Os dados foram analisados utilizando diversos métodos estatísticos, de onde se destacam o teste independência do qui-quadrado e a regressão ordinal. Recorreu-se à regressão ordinal com a função *Link Logit*. A escolha da função *Link* foi feita de acordo com os critérios de distribuição de frequências das classes da variável dependente definidos em Norušis (2006) e em Long & Freese, (2006). A função *Link Logit* foi a que apresentou melhor significância estatística.

A regressão ordinal foi utilizada dado que a variável dependente *Idade da primeira experiência de trabalho* é qualitativa ordinal e a variável dependente *Recursos mobilizados para o primeiro emprego* suporta este tipo de tratamento. Em concreto, o método em causa assenta em compreender o sentido da variação entre uma categoria selecionada e as restantes. No caso desta última variável as categorias foram ordenadas de forma a suportarem este tratamento.

O ajustamento do modelo ordinal é feito iterativamente com o método da máxima verosimilhança. A escolha do modelo ordinal deve ter em atenção o tipo de distribuição de probabilidades que as classes da variável dependente apresentam. No caso da variável *Idade da primeira experiência de trabalho*, as categorias apresentam distribuição uniforme, pelo que optou-se por usar a função de ligação “Logit” enquanto que no caso da variável *Recursos mobilizados para o primeiro emprego*, as categorias dessa variável de menor ordem são as mais frequentes, pelo que optou-se por usar a função de ligação “Log-log negativa” (Norušis, 2006; Long & Freese, 2006).

A significância do modelo é avaliada pelo teste do rácio de verosimilhanças e pelos testes do Qui-quadrado e da *Deviance*, enquanto que a significância prática do modelo é avaliada pelos pseudo- $R^2$ .

Com o intuito de determinar a influência das variáveis independentes relativamente às dependentes foi aplicada a análise de regressão ordinal, como vimos. No modelo 1 foram utilizadas todas as variáveis independentes consideradas nesta comunicação de acordo com os critérios abaixo expressos. Estes modelos são significativamente melhores do que os modelos nulos, i.e., podemos concluir que pelo menos uma das variáveis independentes do modelo afeta significativamente as probabilidades de ocorrência das classes da variável dependente. Podemos verificar quais são os coeficientes de regressão associados às variáveis independentes que são estatisticamente significativos para cada um dos modelos. Os testes à qualidade do ajustamento do Qui-quadrado de Pearson e da *Deviance* permitem avaliar se o modelo se ajusta aos dados, pelo que quando o *p-value* é maior do que o nível de significância ( $\alpha=0.05$ ) não se rejeita a  $H_0$  de que o modelo se ajusta aos dados. Todas as estatísticas calculadas do pseudo- $R^2$  são baixas, em particular a de McFadden.

## **Perfis de saída da escola**

O ponto de partida empírico deste trabalho, portanto, consiste na retoma dos perfis de saída da escola apresentados em Diogo, Palos & Silva (2016). A relação entre a saída da escola e o ingresso no mercado de trabalho tem vindo a alongar-se, a diversificar-se, a deixar de ser linear e a poder reverter-se (Serracant, 2012, 2015). É com base nessa constatação, dada pela literatura, que entendemos analisar a transição escola-trabalho, dividindo-a em duas componentes, a saída da escola e o ingresso no primeiro emprego.

Esta divisão poderia, em alternativa, ter sido feita em três momentos: saída da escola, tempo de não trabalho e ingresso no primeiro emprego. Sendo que o tempo de não trabalho respeitaria à temporalidade e às atividades feitas nesse período. Nesta comunicação opta-se por organizar os dados em função do cenário que comporta dois momentos por três razões: i) em primeiro lugar, porque a forma como os dados se estruturam assim o aconselha; ii) em segundo lugar porque na entrada no mercado de trabalho se incluiu a questão da temporalidade que medeia entre a saída da escola e o ingresso neste e iii) em terceiro porque essa é a definição *standard* da literatura (como veremos já de seguida).

Isto não invalida que em posteriores trabalhos se possa ensaiar uma análise tricotómica, tendo em vista o afinamento dos modelos de análise e dos perfis desenvolvidos.

Uma outra questão abordada diz respeito à limitação da transição escola-trabalho ao primeiro emprego e, dentro deste, a duas variáveis muito específicas. Trata-se de uma opção meramente metodológica que pretende focar a atenção apenas num dado ponto, o ingresso na vida ativa (e dentro deste em duas questões muito específicas) e, claramente, não compreende o conjunto de temporalidades e de processos que se podem designar como transição para a vida ativa. Com efeito, Ryan (2001, p. 35), com base na definição da OCDE, identifica esta transição como: “a transição escola-trabalho, definida tipicamente como o período entre o fim da escolaridade obrigatória e a obtenção de emprego a tempo inteiro e estável (OECD 1996a, 1998c)”. Quer dizer, a transição para o primeiro emprego é apenas parte da história mas é nesta parte que esta comunicação se centra, dado que é uma componente muito significativa da transição escola-trabalho. O ingresso no primeiro emprego é um momento fundador, sendo que, como em todos os momentos fundadores, influencia a trajetória de vida do indivíduo, muito para além do momento em que aconteceu. A experiência do primeiro emprego tem impactos ao longo de toda a trajetória profissional dos indivíduos (Eurofond, 2014).

As variáveis seleccionadas, a *Idade da primeira experiência de trabalho* e os *Recursos mobilizados para se conseguir o primeiro emprego*, representam apenas uma primeira aproximação à questão, não sendo possível, ou sequer desejável, mobilizar muitas mais no espaço limitado de uma comunicação. De qualquer forma, foi por nós considerada uma outra, se a *Primeira experiência laboral foi ou não remunerada*, mas esta apenas apresentava associação estatística com o *Sexo* (vista através do  $\chi^2$ ), pelo que não foi utilizada na análise.

Considerando que o nosso ponto de partida são os perfis de saída da escola, justifica-se uma breve descrição da sua composição, dado que já foram apresentados detalhadamente em Diogo, Palos & Silva (2016). Esta descrição é apresentada na tabela abaixo, sendo que as variáveis foram divididas em três grupos, o primeiro respeita às que contribuem para caracterizar sociodemograficamente os perfis, o segundo está associado à caracterização da escolaridade à saída da escola e o terceiro às razões que levaram os jovens açorianos a deixarem a escola.

	Perfis de exclusão 33,3%	Jovens qualificados 22,3%	Relação instrumental com a escola 43,6%
Var. sociodemográficas	<ul style="list-style-type: none"> <li>– mais velhos (25-34 anos, 76,3%)</li> <li>– Um pouco mais masculino (57,8%)</li> <li>– casados ou em união de facto (47,4%) mas também solteiros (38,5%) e divorciados (14,1%)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– mais velhos (92,6%)</li> <li>– sexo feminino (64,9%)</li> <li>– solteiras (48,9%),</li> <li>– casadas (37,2%) e divorciadas (13,8%)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– mais novos (72,3% tem 20-29 anos)</li> <li>– Um pouco mais masculino (55,4%)</li> <li>– ampla maioria de solteiros (78%)</li> </ul>
Var. de caracterização escolar	<ul style="list-style-type: none"> <li>– escolaridade mais baixa (76,3% tem escolaridade até ao 2º ciclo)</li> <li>– Muitas reprovações (77,7% pelo -1x; 30,8% +3 xs)</li> <li>– Abandono precoce da escola (até aos 16 anos 78,4%)</li> <li>– Sem curso de formação profissional (6,7% fizeram-na)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– elevada escolaridade (92,6% tem pelo menos o secundário e 71,3% o sup.)</li> <li>– nenhuma reprovação (44,7%)</li> <li>– deixaram a escola com 19 anos ou mais (96,7)</li> <li>– curso de formação profissional (21,3%)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– 3º ciclo ou secundário (89,3%)</li> <li>– Muitas reprovações (70,1% pelo -1x)</li> <li>– Saída da escola entre os 17 e os 18 anos (54,5%)</li> <li>– curso de formação profissional (51,4%)</li> </ul>
Razões de saída da escola	<ul style="list-style-type: none"> <li>– desgosto pela escola (54,8%)</li> <li>– número de reprovações (22,2%)</li> <li>– obtenção do diploma que desejava (0,7%)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– acesso ao diploma desejado (83%)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– ganhar dinheiro para se tornar independente (44,6%)</li> <li>– acesso ao diploma desejado (29,4%)</li> </ul>

Tabela 1 - Perfis de saída da escola entre os jovens açorianos. Fonte: (Diogo, Palos & Silva, 2016)

Em síntese, no perfil (ou *cluster*) *Perfis de exclusão* estamos perante jovens que tiveram um percurso escolar curto, mal sucedido e com razões de saída da escola associadas ao desgosto com a experiência escolar; O *cluster dos Jovens qualificados* é o que apresenta melhor desempenho na escola mas, mesmo assim, com algum peso do insucesso<sup>2</sup>, tendo-a deixado por terem atingido os seus objetivos; finalmente, o último grupo apresenta uma relação com a escola que se desenvolveu de forma claramente instrumental, onde as reprovações ao longo do percurso não impediram boa parte de concluir o ensino profissional, embora com escolaridades significativamente mais baixas do que o perfil anterior.

### Principais contributos para o ingresso no mundo do trabalho

A articulação entre os perfis de saída da escola e as variáveis caracterizadoras do ingresso no mercado de trabalho foi feita considerando duas variáveis dependentes: *Idade da primeira experiência de trabalho* e *Recursos mobilizados para o primeiro emprego* (ou Ajudas para se conseguir o primeiro emprego).

Os modelos de regressão são expostos usando uma lógica de apresentação de resultados para o conjunto das variáveis em primeiro lugar para, de seguida, se apresentarem os casos onde se destacam o papel das variáveis que são estatística e sociologicamente significativas.

O nosso objetivo, recordemos, é perceber até que ponto é que os diferentes perfis de saída da escola se relacionam e influenciam o acesso ao primeiro emprego.

Regressão ordinal		Idade da 1ª experiência de trabalho Modelo	Ajuda para 1º emprego Modelo
Caracterização da amostra		Coeficientes de regressão	
Perfis de saída da escola	Cluster 1, Perfis de exclusão	<b>-1.672*</b>	<b>-1.224*</b>
	Cluster 2, Relação instrumental com a escola	<b>-0.770*</b>	<b>-0.447*</b>
	Cluster 3, Jovens qualificados	<b>0<sup>a</sup></b>	<b>0<sup>a</sup></b>
Modelo de ajustamento	$\chi^2$	<b>38.727*</b>	<b>49.110*</b>
Pearson	$\chi^2$	<b>45.425*</b>	<b>18.440*</b>
Deviance		<b>42.419</b>	<b>19.072*</b>
Pseudo R <sup>2</sup>	McFadden	<b>0.038</b>	<b>0.039</b>

a) Este parâmetro é ajustado a zero por ser redundante; \* p-value < 0.005

Quadro 1 – Relação entre os perfis de saída da escola e o acesso ao primeiro emprego



A primeira regressão que fizemos baseou-se no exercício de considerar os perfis de saída da escola como uma variável com três categorias e considerando os *Jovens qualificados* como a categoria de referência, podemos observar uma relação significativa entre os perfis de saída da escola e as duas variáveis dependentes (*Idade da primeira experiência de trabalho*,  $\chi^2 = 38.727$  e *Ajudas para se conseguir o primeiro emprego*,  $\chi^2 = 49.110$ ).

Este dado, por si só, permite-nos verificar que o ingresso no mercado de trabalho é condicionado pela forma como se saiu da escola e pelas razões de saída dado que estas são importantes componentes dos perfis de saída (como vimos em Diogo, Palos & Silva, 2016).

De notar que, em ambos os modelos, se verifica o mesmo comportamento: a diferença é estatisticamente significativa entre o perfil dos *Jovens qualificados* e o dos jovens que têm uma *Relação instrumental com a escola* mas é substancialmente maior entre os *Jovens qualificados* e os que estão nos *Perfis de exclusão*. Esta constatação permite retirar uma conclusão importante os perfis em causa não designam apenas distintos grupos de jovens mas pode ser estabelecida entre estes grupos uma relação ordinal: os *Jovens qualificados* ocupam um polo por contraponto aos jovens dos *Perfis de exclusão* que ocupam o polo oposto. No meio destes dois polos, fazendo o papel de grupo intermédio, podemos encontrar os jovens contidos no cluster da *Relação instrumental com a escola*. Temos assim uma espécie de escala que vai dos *Jovens qualificados*, passa pelos com *Relação instrumental com a escola* e termina nos *Perfis de exclusão*.

Assim, pode-se concluir duas coisas i) existe um padrão semelhantes nos dois modelos, o que lhes confere coerência estatística e sociológica e ii) em termos concretos: **no primeiro modelo**, conclui-se que os *jovens qualificados* têm primeiras experiências de trabalho mais tardias, dado que a categoria de referência para a primeira experiência de trabalho é aquela onde está contida as idades mais avançadas (21 anos e mais).

Neste sentido, a categoria seguinte *Relação instrumental com a escola*, apresenta um ingresso mais precoce na escola e a categoria final, *Perfis de exclusão*, é a que se apresenta mais distante da primeira, portanto com ingressos significativamente mais precoces.

**No modelo relativo à Ajuda para o primeiro emprego**, a lógica é semelhante se bem que a variável tenha uma natureza totalmente distinta. Assim, os *Jovens qualificados* recorrem mais a meios institucionais para encontrar emprego (expressa na categoria Outra forma, como referência da análise), enquanto os contidos na categoria *Relação instrumental com a escola*, se centram mais na procura individual (expressa na categoria Em empresas perto casa) e os incluídos nos *Perfis de exclusão*, se afastam mais do primeiro perfil, dado que mobilizam recursos mais próximos das redes de apoio informal (como é o caso das categorias Ajuda de familiares; Ajuda de amigos; Ajuda de conhecidos).

Numa leitura conjugada dos dois resultados é possível apreender que os jovens mais qualificados ingressam mais tarde no mercado de trabalho mobilizando mais recursos formais de procura do primeiro emprego para o fazer; por contraste os jovens contidos nos *Perfis de exclusão* ingressam no mercado de trabalho de forma substancialmente mais precoce recorrendo a redes informais de ajuda para conseguirem este primeiro emprego, enquanto os que apresentam uma *Relação instrumental com a escola* ocupam uma posição intermédia entre os dois grupos.

Na análise do quadro seguinte, as categorias das duas variáveis dependentes aqui apresentadas sumariamente são descritas de forma mais sistemática e detalhada, permitindo uma análise mais fina.

		Var. dependente: idade da 1ª exp. de trabalho		Var. dependente: recursos para 1º emprego				
Regressão ordinal		Modelo 1 (todas)	Modelo 2 (só as sig.)	Modelo 1 (todas)	Modelo 2 (só as sig.)	Modelo 3.1 (socio demográf.)	Modelo 3.2 (Razões de deixar de estudar)	Modelo 3.3 (habilitaç. pais)
<b>Caracterização da amostra</b>		<b>Coefficientes de regressão</b>						
Sexo	Masculino	<b>-0.461</b>	<b>-0.523***</b>	<b>-0.554*</b>	<b>-0.497*</b>	<b>-0.523*</b>		
	Feminino	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>		
Grupo etário	15-19 anos	<b>-0.012</b>		<b>0.067</b>				
	20-24 anos	<b>-0.243</b>		<b>0.050</b>				
	25-29 anos	<b>0.347</b>		<b>-0.057</b>				
	30-34 anos	0 <sup>a</sup>		0 <sup>a</sup>				
Escolaridade	1º ciclo ou menos	<b>-2.322*</b>	<b>-2.527*</b>	<b>-0.904</b>	<b>-1.005***</b>	<b>-1.184*</b>		
	2º ciclo	<b>-1.402***</b>	<b>-1.702*</b>	<b>-1.558*</b>	<b>-1.489*</b>	<b>-1.655*</b>		
	3º ciclo	<b>-1.658*</b>	<b>-1.628*</b>	<b>-1.134*</b>	<b>-1.173*</b>	<b>-1.287*</b>		
	Ens. secundário	<b>-1.396*</b>	<b>-1.340*</b>	<b>-0.487***</b>	<b>-0.430*</b>	<b>-0.487***</b>		
	Ens. superior	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>		
Estado civil	Solteiro	<b>0.028</b>		<b>-0.014</b>				
	Casado/união de facto	<b>0.230</b>		<b>-0.227</b>				
	Divorciado	0 <sup>a</sup>		0 <sup>a</sup>				
Alguma vez reprovou	Sim	<b>0.680</b>	<b>0.527***</b>	<b>0.181</b>				
	Não	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>				
Nº de reprovacões		<b>-0.146</b>		<b>0.100</b>	<b>0.097</b>	<b>0.077</b>		
Idade deixou de estudar	16 anos e menos	<b>-1.017</b>	<b>-1.023</b>	<b>0.529</b>	<b>0.402</b>	<b>0.135</b>		
	17-18 anos	<b>0.388</b>	<b>0.161</b>	<b>0.937*</b>	<b>0.803*</b>	<b>0.637***</b>		
	19-24 anos	<b>1.057**</b>	<b>0.803***</b>	<b>0.590***</b>	<b>0.505***</b>	<b>0.361</b>		
	25 anos e mais	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>		
Porque obteve o diploma que desejava	Sim	<b>-0.177</b>	<b>-0.280</b>	<b>0.234</b>	<b>0.196</b>		<b>0.741</b>	
	Não	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>		0 <sup>a</sup>	
Não gostava da escola	Sim	<b>-0.110</b>	<b>-0.219</b>	<b>-0.081</b>	<b>-0.113</b>		<b>-0.452*</b>	
	Não	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>		0 <sup>a</sup>	
Já tinha reprovado várias vezes	Sim	<b>0.538</b>		<b>-0.541</b>				
	Não	0 <sup>a</sup>		0 <sup>a</sup>				
Quis ganhar dinheiro para me tornar independente da minha família	Sim	<b>0.277</b>		<b>-0.090</b>				
	Não	0 <sup>a</sup>		0 <sup>a</sup>				
Frequenta ou não curso de ensino profissional	Sim	<b>-0.271</b>	<b>-0.339</b>	<b>-0.085</b>				
	Não	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>				
Escolaridade pai	1º ciclo ou menos	<b>-2.385</b>	<b>-2.084</b>	<b>0.337</b>	<b>0.367</b>			<b>-0.125</b>
	2º ciclo	<b>-2.692*</b>	<b>-2.480***</b>	<b>0.559</b>	<b>0.458</b>			<b>0.042</b>
	3º ciclo	<b>-2.139</b>	<b>-1.854</b>	<b>0.548</b>	<b>0.393</b>			<b>0.066</b>
	Ens. secundário	<b>-2.643</b>	<b>-2.445</b>	<b>0.420</b>	<b>0.392</b>			<b>0.558</b>
	Ens. superior	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>	0 <sup>a</sup>			0 <sup>a</sup>

Regressão ordinal		Var. dependente: idade da 1ª exp. de trabalho		Var. dependente: recursos para 1º emprego				
		Modelo 1 (todas)	Modelo 2 (só as sig.)	Modelo 1 (todas)	Modelo 2 (só as sig.)	Modelo 3.1 (socio demográf.)	Modelo 3.2 (Razões de deixar de estudar)	Modelo 3.3 (habilitaç. país)
Escolaridade mãe	1º ciclo ou menos	<b>0.018</b>		<b>-0.680</b>	<b>-0.591</b>			<b>-0.841*</b>
	2º ciclo	<b>-0.026</b>		<b>-0.498</b>	<b>-0.382</b>			<b>-0.486</b>
	3º ciclo	<b>0.201</b>		<b>-0.564</b>	<b>-0.425</b>			<b>-0.396</b>
	Ens.secundário	<b>0.099</b>		<b>-0.460</b>	<b>-0.477</b>			<b>-0.590</b>
	Ens.superior	<b>0<sup>a</sup></b>		<b>0<sup>a</sup></b>	<b>0<sup>a</sup></b>			<b>0<sup>a</sup></b>
Ocupação do pai	Trabalha	<b>-0.012</b>		<b>0.010</b>				
	Desempregado	<b>-0.310</b>		<b>0.237</b>				
	Reformado	<b>0.651</b>		<b>-0.084</b>				
	Outras ocupações	<b>0<sup>a</sup></b>		<b>0<sup>a</sup></b>				
Ocupação da mãe	Trabalha	<b>-0.036</b>	<b>-0.334</b>	<b>-0.542***</b>				
	Desempregado	<b>-1.050</b>	<b>-1.285***</b>	<b>-0.671</b>				
	Reformado	<b>-0.358</b>	<b>-0.559</b>	<b>-0.352</b>				
	Outras ocupações	<b>0<sup>a</sup></b>	<b>0<sup>a</sup></b>	<b>0<sup>a</sup></b>				
Rendimento mensal próprio	Nenhum	<b>1.055</b>	<b>0.670</b>	<b>-0.003</b>	<b>0.196</b>			
	Menos de 500€	<b>1.093</b>	<b>0.651</b>	<b>-0.387</b>	<b>-0.043</b>			
	500-749€	<b>0.774</b>	<b>0.428</b>	<b>0.001</b>	<b>0.172</b>			
	750-999€	<b>0.424</b>	<b>0.230</b>	<b>0.052</b>	<b>0.166</b>			
	1000€+	<b>0<sup>a</sup></b>	<b>0<sup>a</sup></b>	<b>0<sup>a</sup></b>	<b>0<sup>a</sup></b>			
Modelo de ajustamento	$\chi^2$	<b>127.970*</b>	<b>143.693*</b>	<b>115.011*</b>	<b>104.960*</b>	<b>101.698*</b>	<b>50.807*</b>	<b>24.176*</b>
Pearson	$\chi^2$	<b>1101.293*</b>	<b>965.396*</b>	<b>1597.512</b>	<b>1461.042</b>	<b>433.50</b>	<b>18.385</b>	<b>113.839</b>
Deviance		<b>754.425</b>	<b>727.819</b>	<b>973.067</b>	<b>946.703</b>	<b>408.715</b>	<b>21.376</b>	<b>117.767</b>
Pseudo R <sup>2</sup>	McFadden	<b>0.145</b>	<b>0.154</b>	<b>0.106</b>	<b>0.093</b>	<b>0.083</b>	<b>0.040</b>	<b>0.020</b>

a) Este parâmetro é ajustado a zero por ser redundante; \* p-value < 0.005; \*\* p-value < 0.01; \*\*\* p-value < 0.05

## Quadro 2 – Modelos de análise de regressão, da saída da escola aos recursos mobilizados para o primeiro emprego

De forma a aprofundarmos esta análise, apresentamos, de seguida, todas as variáveis utilizadas para a criação dos *clusters* da ACM, como variáveis independentes, mesmo não sendo estatisticamente significativas na sua relação com as dependentes (visto a partir do teste de independência do  $\chi^2$ ). Foram também acrescentadas como independentes as variáveis: *escolaridade* e *ocupação do pai e da mãe*, bem como o *rendimento atual* (indicadores grosseiros da posição e origem social). O nosso objetivo é tentar perceber quais as variáveis relevantes (estatisticamente significativas) para explicar a primeira experiência de trabalho, aprofundando os resultados da regressão com a variável-resumo dos perfis de saída da escola acima apresentados.

### Idade da primeira experiência de trabalho

No primeiro modelo a variável dependente é a *Idade da primeira experiência de trabalho*. As categorias desta variável são 15 anos e menos; 16-17 anos; 18-20 anos e 21 anos e mais.

Este modelo é globalmente válido (como de resto todos os que apresentamos), algo que se pode comprovar com os valores do parâmetro Modelo de Ajustamento.

Relativamente às variáveis utilizadas para a construção dos perfis de saída da escola só existem duas com relação significativa com a variável dependente. A primeira é a *Escolaridade*. Sendo esta uma variável ordinal tem como categoria de referência o ensino superior. O que se pode observar é que quanto menor o nível de *Escolaridade* menor a *Idade da primeira experiência de trabalho*. Essa relação é particularmente evidente para os jovens menos escolarizados dado que a descida de nível é o dobro da existente nas restantes categorias da variável. Este resultado singulariza os jovens menos escolarizados no que respeita à idade da sua primeira experiência de trabalho em relação a todos os outros.

Neste modelo, a segunda variável que apresenta uma associação significativa com a variável dependente é a *Idade com que se deixou de estudar*. Contudo, esta associação é apenas relevante numa única categoria. São os jovens entre os 19 e os 24 anos que apresentam um comportamento mais distinto relativamente à categoria de referência, a dos que têm 25 anos e mais. Estamos em presença de uma categoria estatisticamente relevante com uma interpretação sociológica que não é imediatamente perceptível: o efeito da crise no mercado de trabalho está mais associado aos jovens com menores idades, os mais velhos (e é o caso dos que saíram da escola com 25 e mais anos) ficaram relativamente protegidos deste efeito.

Relativamente às variáveis referentes à origem social, a *escolaridade do pai* é apenas relevante numa única categoria (indivíduos com o 2º ciclo) e isso não nos permite perceber nenhum tipo de tendência. E neste primeiro modelo, estas são as únicas variáveis que se associam de forma significativa com a variável dependente. Sociologicamente, portanto, só a escolaridade à saída da escola é que se revela pertinente para explicar a idade de ingresso no mercado de trabalho.

No Modelo 2 optámos por considerar apenas as variáveis independentes com associações estatisticamente significativas com a dependente, através do teste de independência do  $\chi^2$  (resultados não apresentados). Este exercício permite-nos destacar as variáveis estatisticamente significativas e, dessa forma, relevar as associações entre variáveis sociologicamente importantes.

A *Escolaridade* revela-se uma variável-chave em flagrante contraste com a *Idade em que se deixou de estudar*. Esta última não contribui significativamente para este segundo Modelo, tal como não tinha contribuído para o primeiro.

Os rapazes tendem a ingressar na sua primeira experiência de trabalho mais novos do que as raparigas, salientando-se que o sexo é uma variável estatisticamente significativa.

	15 anos e menos	16-17 anos	18-20 anos	21 anos e mais	Dimensão da amostra
Sexo ( $\chi^2=25.253$ , $p=0.000$ )					
Masculino	27,4%	28,9%	33,5%	10,2%	197
Feminino	17,6%	18,8%	34,7%	29,0%	176

Quadro 3 – Cruzamento entre o sexo e a idade da primeira experiência de trabalho

Uma análise mais esmiuçada da relação entre o *Sexo* e a *Idade da primeira experiência de trabalho* permite, precisamente, confirmar que tendencialmente os rapazes o fizeram em idades mais novas do que as raparigas.

A leitura conjugada da relação entre *Escolaridade*, *Sexo* e *Idade com que deixou de estudar* permite colocar a hipótese de que é muito possível que um grande número de rapazes tenham começado a trabalhar como trabalhadores familiares não remunerados nas explorações agropecuárias das suas famílias ou em pequeno comércio em idades relativamente baixas, mesmo que em diversos casos

tenham continuado o seu percurso escolar e o trabalho desenvolvido tenha sido complementar aos estudos.

A basear esta possibilidade está a configuração dos setores de atividade com maior peso na economia açoriana, estes caracterizam-se pelo grande peso de atividades fortemente masculinizadas e assentes em mão de obra pouco qualificada (Diogo, 2013), na disposição de receber baixos salários e de ter uma vinculação fora da norma: em especial na agricultura e pesca (representando 14,78% do emprego nas empresas não financeiras na região), nas indústrias transformadoras (10,97%), na construção (10,9%), e no alojamento e restauração (7,92%). Apenas o comércio (com 23,23% do emprego nas empresas não financeiras em 2014) foge, relativamente, a esta lógica<sup>3</sup>.

Por outro lado, os jovens que tiveram como primeira experiência de trabalho uma atividade não remunerada correspondem a 10,7% da amostra (44 casos), algo que reforça a possibilidade de estarmos em presença de um grupo de trabalhadores familiares não remunerados com algum peso na distribuição dos dados.

	15 anos e menos	16-17 anos	18-20 anos	21 anos e mais	Dimensão da amostra
Idade deixou de estudar ( $\chi^2=133.706$ , $p=0.000$ )					
16 anos e menos	40,0%	40,0%	14,3%	5,7%	105
17-18 anos	10,9%	27,7%	59,4%	2,0%	101
19-24 anos	16,8%	9,2%	35,3%	38,7%	119
25 anos e mais	20,5%	20,5%	22,7%	36,4%	44

Quadro 4 – Cruzamento entre idade em que se deixou de estudar (coluna) e idade na primeira experiência de trabalho (linha)

Uma análise mais esmiuçada da relação entre a *Idade de saída da escola* e a *Idade da primeira experiência de trabalho* permite verificar, justamente, que muitos dos jovens tiveram o seu primeiro contacto com o mundo do trabalho antes de saírem da escola. Quanto maior a idade de saída da escola, maior a tendência para que a primeira experiência de trabalho remunerada seja anterior a essa saída. Concretamente, se não se pode assegurar essa tendência para o grupo dos que saíram da escola com 16 anos e menos, nos restantes grupos isso é claro.

Esta hipótese releva as desigualdades de género e explica a falta de consonância entre a idade de saída da escola e a idade da primeira experiência de trabalho: alguns rapazes deixaram a escola depois dessa primeira experiência.

Esta caracterização está de acordo com o modelo mediterrânico de transição escola-trabalho, encontrado pelo Eurofound (2014), dado que está associada a uma entrada informal no mercado de trabalho.

Em relação às variáveis de caracterização familiar, a *Escolaridade do pai* mantém o mesmo sentido do modelo anterior, à qual se acrescenta agora a *Ocupação da mãe*, neste caso, ter uma mãe desempregada no momento da entrevista está claramente associado a uma idade mais baixa para ingresso no mundo do trabalho.

A *Escolaridade da mãe* não desempenha um papel importante na explicação da *Idade da primeira experiência de trabalho*, ao contrário do que seria de esperar. A inexistência desta associação, quanto a nós, radica na mesma explicação dada anteriormente, relativa à concomitância desta primeira experiência com a frequência da escola, independentemente da escolaridade obtida. Os casos são relativamente poucos mas o seu número é suficiente para deslaçar algumas ligações clássicas entre variáveis.

## Recursos utilizados para o primeiro emprego

Utilizamos ainda uma segunda variável dependente para melhor compreender a transição escola-trabalho, vista a partir do momento fundador que é o ingresso no primeiro emprego.

Esta variável é referente aos *Recursos mobilizados para se conseguir o primeiro emprego* (correspondendo a uma questão sobre as ajudas ao primeiro emprego), as categorias em que se desdobra são, por esta ordem: Ajuda de familiares; Ajuda de amigos; Ajuda de conhecidos; [Procurei emprego] Em empresas perto casa; Envio de currículos e Outra forma<sup>4</sup>, sendo esta última a categoria de referência.

As primeiras três categorias respeitam à mobilização de redes de interajuda de proximidade, enquanto a procura em empresas perto de casa respeita a iniciativa isolada e o envio de currículos bem como a outra forma correspondem a iniciativas de cariz mais institucional.

A apresentação dos resultados segue a mesma metodologia do ponto anterior, em que primeiro se apresentam todas as variáveis, para depois se conservarem apenas as que têm associações significativas.

Ao analisar-se o Modelo 1 podemos observar que o *Sexo* apresenta uma associação significativa. Os rapazes tendem a mobilizar mais as suas redes de interconhecimento do que as raparigas para encontrar o primeiro emprego e estas tendem a usar mais os instrumentos individuais ou institucionais.

A *Escolaridade* é, também, muito relevante para explicar os recursos mobilizados para se conseguir o primeiro emprego. São os que têm o ensino superior que tendem a mobilizar os recursos mais institucionais. Neste modelo as restantes categorias apresentam uma tendência para usar mais os recursos das redes de interajuda de proximidade, sendo que a categoria dos que têm o primeiro ciclo ou menos não é significativa. De notar, a este propósito, que em Diogo, Palos & Silva (2016)<sup>5</sup> observámos que as mulheres tendem a ser mais escolarizadas do que os homens pelo que estes dois fatores estão certamente relacionados.

Os dados também apontam para que quanto mais novo se deixou de estudar maior a probabilidade de se ter recorrido a redes de interajuda e menor a possibilidade de se ter recorrido a mecanismos institucionais. Ora, são precisamente os que deixaram de estudar mais novos que têm menor escolaridade, sendo que neste grupo podemos encontrar especialmente os rapazes (vide os *Perfis de exclusão*).

No Modelo 2, onde se conservam apenas as variáveis independentes com associações estatisticamente significativas vistas através do teste do  $\chi^2$ , as significâncias acima encontradas ficam reforçadas.

Com efeito o valor do coeficiente de regressão mantem-se semelhante no *Sexo* mas todas as categorias da variável *Escolaridade* passam a ser significativas. Na *Idade em que deixou de estudar*, todas as categorias são significativas menos a referente aos jovens que o fizeram com 16 anos ou menos.

A diferença entre os modelos 1 e 2 é, portanto, muito pequena.

Nesta segunda variável dependente foi acrescentado um Modelo 3, desdobrado em três submodelos. A ideia é tentar isolar os feitos de associação: no Modelo 3.1 estão presentes apenas as variáveis sociodemográficas, no 3.2 as razões para se deixar de estudar e no 3.3 apenas foram consideradas as habilitações dos pais.

Os resultados para os três submodelos não acrescentam nada de muito significativo, sendo relevantes, sobretudo por mostrar que a análise do Modelo 2, o que considera as variáveis significativas no teste do  $\chi^2$ , é o que apresenta resultados mais consistentes, quer do ponto de vista estatístico quer do sociológico.

Nestes modelos destaque-se apenas a ideia de que no Modelo 3.2 é apenas relevante a variável *Não gostava da escola* (entre as razões de saída da escola) como estando mais próxima do polo dos que recorrem aos recursos de proximidade (redes de relacionamento social) para conseguirem o primeiro emprego e no Modelo 3.3 apenas uma categoria assume significância estatística: dentro da *Escolaridade da mãe* os jovens filhos de mulheres que têm o primeiro ciclo ou menos tendem mais a usar as suas redes de proximidade.

## Conclusão

A análise de regressão permitiu perceber duas questões de inegável importância. Em primeiro lugar que existe uma associação clara entre a saída da escola e as variáveis dependentes (sendo que estas indicadores de ingresso no primeiro emprego e indicadores da transição escola-trabalho). Mais ainda, é possível estabelecer uma clara hierarquização entre os perfis: os jovens com maior escolaridade ingressaram no primeiro emprego em idades mais elevadas e utilizaram mais como instrumentos para o fazer os recursos formais, de onde se destaca o centro de emprego mas também o envio de currículos.

Uma análise mais pormenorizada permite aprofundar estes resultados. Nesta última, desdobram-se os perfis nas variáveis que os constituem e acrescentaram-se ainda algumas referentes à origem social.

Assim, é visível que são sobretudo o *Sexo* e a *Escolaridade* (à saída da escola) que mais significância estatística têm para explicar e compreender os comportamentos das duas variáveis dependentes. *A idade com que se deixou de estudar* também tem um efeito, embora menos expressivo.

Existem casos de categorias de variáveis que são estatisticamente significativos embora não de uma forma consistente e transversal aos diversos modelos apresentados.

Os resultados apresentados permitem, em primeiro lugar, mostrar a solidez estatística dos perfis de saída da escola desenvolvidos através da ACM.

Em termos mais sociológicos fica claro que o ingresso no mundo de trabalho, em particular o ingresso no primeiro emprego, está associado ao *Sexo* e à *Escolaridade* dos indivíduos, mas também à *Idade com que deixaram a escola*. Trata-se de resultados clássicos em sociologia<sup>6</sup>. Contudo, podemos associar estes dados com outros que teriam sido igualmente clássicos e que não se verificaram no contexto desta amostra: em concreto referimo-nos ao pouco significado das variáveis usadas para aferir (embora de forma grosseira) a origem social dos indivíduos e as desigualdades face a escola que a estes estão associados.

A primeira questão que se coloca é como interpretar esta aparente inconsistência sociológica dos resultados. A nossa resposta vai, em primeiro lugar, no sentido de se relevar o papel da existência de primeiras experiências de trabalho anteriores à saída da escola, algo que por si só tem potencial para deslaçar boa parte dos modelos apresentados e das relações entre variáveis. Mas este não é o único fator, em segundo lugar, existe uma questão transversal aos jovens açorianos que esbate algumas das principais desigualdades sociais, pela negativa, referimo-nos à elevada taxa de reprovação: 66,3%, reprovaram pelo menos uma vez. É verdade que é possível fazer uma distinção entre os perfis de saída da escola, quer em relação aos que reprovaram ou não quer, sobretudo, aos que têm um número maior de reprovações. Mas este último fator não impede que a maior parte dos jovens açorianos que já deixaram a escola tenha conhecido pelo menos uma reprovação ao longo do seu percurso escolar.

Observando fatores explicativos e fatores que contribuem para complexificar as desigualdades entre os jovens podemos, enfim, relevar o efeito que o *Sexo* e a *Escolaridade* têm na *Idade da primeira experiência de trabalho* e nos *Recursos mobilizados para se obter o primeiro emprego*. Por outras palavras a escola é um fator preponderante para os jovens ingressarem no primeiro emprego. A análise de regressão permite, além desta conclusão, perceber que é possível hierarquizar os três perfis de saída da escola no que respeita à sua influência para o primeiro emprego: o perfil dos *Jovens qualificados* implica o ingresso em idades mais tardias e a mobilização de recursos mais formais, enquanto que os outros se afastam progressivamente deste.

Um resultado que também se afasta do que seria de esperar é o facto de haver um número significativo de indivíduos, sobretudo rapazes, que tem a sua primeira experiência de trabalho antes de abandonar a escola. Com efeito, o modelo mediterrâneo está associado a uma dicotomização mais clara entre escola e trabalho (Guerreiro & Abrantes, 2007, pp. 43-44) e este comportamento não se inscreve nesse modelo. Cremos que o peso da agricultura e do pequeno comércio é a razão que está por detrás deste comportamento.

Uma questão que não fica clara é se os *Jovens qualificados* têm acesso ao emprego mais rapidamente depois de saírem da escola e se o fazem em melhores empregos. Trata-se de uma questão para uma outra comunicação.

## Referências

Alves, Nuno de Almeida, Cantante, Frederico, Baptista, Inês e Carmo, Renato (2011). *Jovens em transições precárias: trabalho, quotidiano e futuro*, Lisboa: Mundos Sociais.

Diogo, Ana e Diogo, Fernando (orgs.) (2013). *Desigualdades no sistema educativo: percursos, transições e contextos*. Lisboa: Mundos Sociais.

Diogo, Fernando (2013). “Activos altamente desqualificados e insucesso do sistema de ensino” In Diogo, Ana e Diogo Fernando, *Desigualdades no sistema educativo: percursos, transições, contextos*, Lisboa: Mundos Sociais, (pp. 45-69).

Diogo, Fernando, Palos, Ana Cristina e Silva, Osvaldo (2016). “Perfis de transição para o mundo do trabalho e precariedade entre os jovens” In Marques, Ana Paula e Urze, Paula (coord.), *XVI Encontro Nacional de SIOT, Futuros do trabalho: políticas, estratégias e prospetiva*, Lisboa, FCSH, 27 e 29 de Novembro de 2015, (pp. 141-160). Disponível em: <http://www.apsiot.pt/images/publicacoessiot/Atasxvitotal.pdf>

Eurofound (2014). *Mapping youth transitions in Europe*, Luxembourg: Publications Office of the European Union.

Guerreiro, Maria das Dores e Abrantes, Pedro (2007), *Transições incertas: Os jovens perante o trabalho e a família*, Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego.

Kovács, Ilona (2013). Flexibilização do mercado de trabalho e percursos de transição de jovens: uma abordagem qualitativa do caso da área metropolitana de Lisboa. *Socius Working Papers*. Lisboa. [http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/5689/1/WP\\_01\\_2013.UV.pdf](http://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/5689/1/WP_01_2013.UV.pdf) acedido em 15 de junho de 2015.

Lobo, M. C., Ferreira, V. S., & Rowland, J. (2015). *Emprego, mobilidade, política e lazer: situações e atitudes dos jovens portugueses numa perspectiva comparada*, Lisboa: OPJ.

Long, J. & Freese, J. (2006). *Regression Models for Categorical Dependent Variables using STATA*. STATA Press. College Station, Texas.

Martins, Susana da Cruz (2012). *Escolas e estudantes da Europa: estruturas, recursos e políticas da educação*. Lisboa: Mundos Sociais.

Norušis, M. (2006). *SPSS 14.0 Advanced Statistical Procedures Companion*. Prentice Hall. New York.

Oliveira, Luísa, Carvalho, Helena e Veloso, Luísa (2011). Formas atípicas de emprego juvenil na União Europeia, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 66, (pp. 27-48).

Oliveira, Luísa, Carvalho, Helena e Veloso, Luísa (2013). “O emprego juvenil a tempo parcial na Europa” In Marques, Ana Paula, Carlos Gonçalves, Manuel e Veloso, Luísa (Coord.), *Trabalho, organizações e profissões: recomposições conceptuais e desafios empíricos*, Lisboa: APS, (pp. 101-124).

Pais, José Machado (1998b). “Da escola ao trabalho: o que mudou nos últimos 10 anos?” In Pais, José Machado e Cabral, Manuel Villaverde, *Jovens portugueses hoje*, Oeiras: Celta, (pp. 189-214).

Ryan, Paul (2001). School-to-Work Transition: A Cross-National Perspective. *Journal of Economic Literature*, 30, 1, (pp. 34-92).

Sebastião, João (2009). *Democratização do ensino, desigualdades sociais e trajectórias escolares*. Lisboa: Gulbenkian.



Serracant, Pau (2012), Changing youth? Continuities and ruptures in transitions into adulthood among Catalan young people, *Journal of Youth Studies*, 15, 2, (pp. 161-176).

Serracant, Pau (2015). The Impact of the Economic Crisis on Youth Trajectories: A Case Study from South Europe. *Young*, 23,1, (pp. 39–58).

---

<sup>1</sup> Algo que de acordo com Pais (1998b) se materializada em escolarizações médias cada vez mais prolongadas.

<sup>2</sup> O insucesso escolar é transversal aos três grupos dado o seu elevado peso no conjunto dos jovens açorianos, 66,3% regista uma ou mais reprovações no seu percurso escolar, mesmo neste grupo 55,3% dos jovens tiveram pelo menos uma reprovação.

<sup>3</sup> Fonte: INE, sistema de contas integradas das empresas.

<sup>4</sup> A categoria “outra forma” foi por nós analisada a partir da subquestão “Qual?” e inclui basicamente recursos institucionais de suporte à busca de emprego de onde se destaca o recurso ao Centro de Emprego (Agência de Qualificação e Emprego no léxico local).

<sup>5</sup> O resumo dos perfis de saída da escola acima apresentado é bem um indicador nesse sentido dado que as mulheres são maioritárias no perfil mais escolarizado, o dos *Jovens qualificados*, em contraste com uma predominância masculina nos outros dois perfis.

<sup>6</sup> Para um resumo dos resultados centrados à volta da questão das desigualdades no sistema educativo veja-se Sebastião (2009) e Diogo & Diogo (2013), ainda sobre esta questão, numa perspetiva comparativa internacional, veja-se Martins (2012). Entre estes resultados é possível verificar um peso importante das variáveis representativas da origem social.